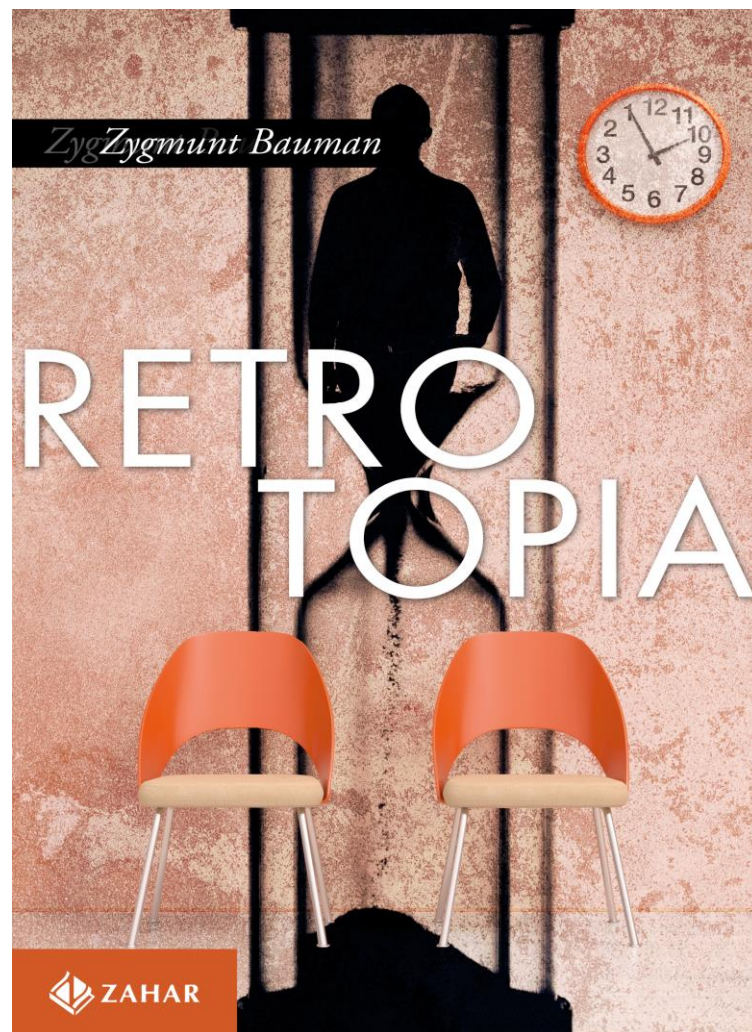


## Retropia

**Mariana Domitila Padovani Martins** - Universidade de Sorocaba. Sorocaba | SP |  
Brasil. E-mail: mariana.domitila@gmail.com |  
mariana.martins@uniso.prof.br



BAUMAN, Zygmunt. **Retropia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. p. 164

Uma sociedade líquido-moderna que dentro da sua própria essência e liquidez demonstra indícios paradoxais, em que buscar, votar e consumir ideias e modelos ideais do seu passado tende a ser preferência em muitos sentidos. O retorno a valores aparentemente sólidos para um mundo líquido, passa a ser reflexo da própria liquidez. Uma ilusão perigosa em muitos aspectos, citados e exemplificados, por Bauman em sua obra *Retrotopia* (2017). Com 164 páginas e dividido em quatro capítulos, o livro, aparentemente objetiva explorar não somente características do fenômeno da Retrotopia, como também propor hipóteses dos possíveis efeitos destes comportamentos paradoxais.

Segundo Bauman, o século XX começou com uma utopia futurista e acabou com nostalgia, onde o mundo aqui e agora nada mais é que um, entre um número indefinível de mundos possíveis e fragmentados, passados, presentes e futuros. Deste modo, estariam surgindo “retrotopias”: visões instaladas num passado perdido/ roubado/ abandonado, mas que não morreu, em vez de se ligarem a um futuro “ainda todavia por nascer” e, segundo ele, justamente por isso inexistente. Assim, fiel ao espírito utópico, a retrotopia deriva seu estímulo da esperança de reconciliar, finalmente (os valores tão essenciais para a humanidade), segurança e liberdade; conceitos trabalhados e explorados pelo autor em outras obras, como *A Arte da Vida* (2009) e *Identidade* (2005), sendo que até o momento essa possibilidade mostra-se muito improvável, dentro da visão do desenvolvimento humano e social –talvez uma busca infantilizada– onde espera-se conquistar o tudo, o tempo todo e de um modo específico e adequado ao que se deseja. Satisfazer a muitos de forma personalizada e especial.

Sugerindo que não somos capazes de regular a nós mesmos, e que estamos nos aproximando do mundo pré-Leviatã de Hobbes, onde o viver se estabelece como se fosse um teatro de guerra (uma guerra de todos contra todos, em que o outro sempre é suspeito) – provavelmente devido

ao não conhecimento e aplicabilidade de qualquer sistema político e regulatório - Bauman propõe, porém em forma de questionamento, logo no primeiro capítulo, *De volta a Hobbes?*, uma reflexão comparando nossa sociedade líquida-moderna com a sociedade estudada por Thomas Hobbes na obra *Leviatã*. Explica a provável tendência de nossa sociedade contemporânea busca por meio de uma visão nostálgica, soluções autoritárias, relacionadas a regulação social, entendendo que o indivíduo seria por natureza, um predador do próprio indivíduo, ou seja, egoísta, focado simplesmente em suas próprias necessidades e satisfações, usando da violência, do ódio e da dor para conseguir aquilo que deseja ou acredita que mereça. O outro, neste contexto, passa a ser o inimigo eterno, e a competição por espaços, direitos e prazeres proporciona um temperamento social de exclusão e indiferença.

Deste modo, ainda no primeiro capítulo, encontramos reflexões sobre os indícios de uma população que parece, ora ou outra, desejar um poder determinante, talvez com um soberano absoluto, impondo limites e leis advindas de um olhar autoritário e forte, onde a regulação e obediência, "ilusoriamente" evitariam a possível barbárie provocada pelo indivíduo incapaz de se autorregular, enquanto sujeito social, devido sua natureza egoísta e perversa. Regras firmes, impostas e seguidas, que se quebradas podem levar a punições radicais, abrindo espaço para uma "violência boa" que segundo Bauman, ao que tudo indica, estaríamos nos estabelecendo numa perspectiva de guerra de exaustão contínua e jamais decisiva entre a "violência boa" (praticada a serviço da lei e da ordem, seja lá como isso for definido) e a "violência má" (perpetrada com o propósito de minar, romper e incapacitar a interpretação corrente de lei e ordem) - "má" também por sua insidiosa tentação de compelir as forças da "boa violência" e adotar as ferramentas e estratégias de sua inimiga. "Nós devemos classificar a noção de um mundo livre de violência talvez entre as mais belas

–embora também, infelizmente, a mais fora de alcance– das utopias.” (BAUMAN, 2017, p. 22).

Ao término do primeiro capítulo, após variadas reflexões e exemplos de uma sociedade desequilibrada e desorientada, Bauman afirma que não é mais necessário, colocar pontos de interrogação nos títulos dos próximos capítulos, pois reforça que, sem dúvida, estamos de volta (ou a caminho de voltar) ao mundo de Hobbes. Porém explica que dessa vez estamos em condição um pouco diferente, onde a guerra de todos contra todos não seria pela ausência de um Leviatã todo-poderoso, mas sim pela copresença de numerosos Leviatãs que funcionam muito mal e fracassam no desempenho das tarefas.

Supondo que nossa sociedade esteja cada vez mais dividida, estabelecendo separações entre “nós” e “eles”, no segundo capítulo, De volta às tribos, Bauman, por meio de conceitos relacionados ao Tribalismo e citando filósofos e sociólogos como Antonio Gramsci, Luc Boltanski e David Lowenthal, propõe questões usando o exemplo do engajamento empresarial, que busca respeitar as individualidades dos profissionais ao mesmo tempo que deseja respeitar e atender de maneira assertiva seus próprios interesses como organização, ou seja, proporcionando para os que fazem parte da empresa, a ilusão de conseguir pertencer totalmente a uma comunidade sem perder a consciência individual. Funcionários motivados a trabalhar em equipe e reconhecidos individualmente e conseqüentemente um ambiente com um temperamento mais competitivo. Um paradoxo certamente, a qual a relação entre passado e futuro almeja tribos isoladas que se diferenciam uma das outras. Reforça também, algo já abordado em suas últimas obras, de forma intensa, principalmente em *Estranhos à nossa porta* (2017) - devido os últimos atentados terroristas, guerras civis e problemáticas do tipo - o modo como os estrangeiros imigrantes são vistos e tratados atualmente - como os estranhos na sociedade - discutindo a

repulsa que parecemos ter com os “outros”, portanto, os estranhos, que de algum modo, podem nos ameaçar.

Outro ponto interessante, trazido por Bauman, é a sugestão que seríamos estrangeiros em relação ao passado e ao futuro, buscando incessantemente sensações, prazeres, conforto e soluções, por meio de ideologias, padrões comportamentais e estilos de vida, assim como objetos, produtos e serviços, também fomentados pela mídia: novelas, séries e filmes que remetem ao passado ou ao futuro, muitas vezes em forma de distopia.

Cita também os estudos referente aos “millenials”, os jovens que hoje estão entrando no mercado de trabalho, enfrentando os desafios de autoconfiança adulta e as incertezas endêmicas da busca por uma posição social decente, satisfatória, gratificante e reconhecida. Expressam medo de perder aquilo que muitas vezes nem sequer conquistaram: um medo do futuro repleto de necessidades e desejos crescentes e imediatistas.

Assim, Bauman explica que, de modo paradoxal, o passado fornece um local de construção muito conveniente e mais atraente e tentador para tais zonas de conforto, pois acredita-se que ele seja um armazém de *faits accomplis* (fatos realizados) irrevogáveis, semeado de vácuos impossíveis de preencher em retrospecto. Além disso, o paradoxo reafirma-se quando se observa que no passado encontram-se elementos que forçariam os sujeitos sociais a abrirem mão de suas preferências. Em últimas análises sobre o tribalismo, entende-se que as tribos são produtos da necessidade humana, de desbastar o incompreensível e, desse modo, reduzir a complexidade da condição existencial humana compartilhada a uma dimensão perceptível pelos sentidos humanos e inteligível: algo que pareça razoável.

Bauman, cita Michel Agier, pesquisador da natureza e das consequências da migração em massa, para refletir sobre as estimativas de nos próximos 40 anos, nós termos 1 bilhão de “pessoas deslocadas:” Depois

da globalização de capitais, mercadorias e imagens, chegou afinal a hora da globalização da humanidade. Os deslocados são pessoas sem nenhum lugar que seja seu e sem nenhum lugar que possa ser, lugares nenhuns. Eis que se abre espaço para o próximo capítulo, De volta à desigualdade, pois frente estas características, até o momento discutidas nos capítulos anteriores, percebe-se um movimento social, natural que leva ao crescimento, ou melhor, retorno efetivo, das tendências de desigualdade marcadas em nossa sociedade, onde os ricos ficam cada vez mais ricos (poucos ricos) e pobres cada vez mais pobres (muitos pobres). Marcas, linhas, grades e muros divisores, físicos, demográficos, econômicos, culturais, psicológicos, sociais, estéticos, e talvez até abstratos, mas ainda assim experienciais.

Um mundo globalizado que, ao invés de ampliar visões e acessibilidades, produzindo coletividade e reforçando tal grandiosidade, parece fazer, justamente e efetivamente o processo contrário: estaria cada vez menor e mais individualista. Para Bauman, na sociedade individualizada, a competição pelos benefícios universalmente desejados e ainda por cima em falta, só pode ser sentida como um jogo de soma zero, pois o sucesso de todos é percebido como “minha derrota” e parece diminuir “minhas chances” já magras de “subir na vida”.

Além disso, atualmente, o jogo das “aparências” impera e, segundo Bauman, fomentado e replicado pelo mundo virtual, com seus *likes*, seguidores e plataformas muito bem planejadas e estruturadas para atender as características hedonistas e narcisistas de uma sociedade como essa – ou melhor, como a nossa. Ser e estar de acordo com os melhores grupos de referência (tribos), e paradoxalmente, ao mesmo tempo (como se fosse possível) respeitando a própria personalidade e exibindo um estilo marcante no jogo competitivo do não somente “ser alguém na vida”, e sim “ser o melhor”.

Dentro deste contexto competitivo, e em certos termos, limitante, no último capítulo, *De volta ao útero*, Bauman, afirma que estamos indo ao encontro (ou reencontro) das necessidades humanas relacionadas a autodescoberta, autoanálise, ou mesmo “Busca do Eu”. Sozinhos no meio da multidão, nos vemos forçados a fazer introspecções contínuas, buscando também entender nossos valores e motivações e necessidades reais. Assim como entender de onde viemos, onde estamos e para onde vamos. Talvez, mais do mesmo, porém agora com uma diferença: podemos publicar nossas descobertas e anseios para muitos e rapidamente por meio de nossas redes sociais! Uma boa representação da passagem do homem econômico para o homem psicológico. Compartilhar nossas “particularidades” mostra-se tarefa útil e necessária para fazer parte da sociedade líquido-moderna e do movimento da Retrotopia.

Deste modo, segundo Bauman, a demanda por serviços e produtos relacionados a autoajuda e a busca por “Gurus” detentores dos segredos para uma vida feliz e um Eu ideal, aumenta significativamente. Assim, segundo ele, quando nós terceirizamos nossa vida íntima e a busca de significado para os especialistas, alimentamos os fenômenos do automonitoramento e autoaprimoramento, pois a presença de “tutores” leva à “internalização” da responsabilidade. “Agora nós devemos culpar a nós mesmos por todos os problemas concebíveis.” (BAUMAN, 2017, p. 122).

A caminho do Epílogo, Bauman destaca, em forma de alerta, que enquanto sujeitos sociais, governados por muitos e tendenciados a uma padronização (com características de um passado ilusoriamente seguro) somos pressionados a nos conformar e, de certo modo, segundo ele, nós desejamos isso, pois ao sermos guiados, eliminamos o medo de nos perdermos. Já nas últimas páginas do livro, reforça a ideia, também explorada em seus outros livros - principalmente em *Babel* (2016) e *Estranhos à nossa porta* (2017) - de que o único e mais palpável caminho para uma sociedade mais equilibrada e focada no progresso coletivo e

harmônico, seria o caminho da Cultura do Diálogo. Porém, ressalta que para isso acontecer faz-se necessário olhar para “o outro” com respeito, tratando-o como “parceiro válido de diálogo”.

Assim, de modo, talvez surpreendente para muitos leitores, Bauman finaliza, fazendo um elogio ao Papa Francisco e citando um trecho de um dos seus discursos, justamente sobre a Cultura do Diálogo, enfatizando também a importância do papel da Educação neste processo de capacitação humana, onde um “Ser e Estar” mais significativos estariam condicionados a um dialogar mais efetivo.

### **Referências**

BAUMAN, Zygmunt. **A arte da vida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.